



O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP. Sem revisão do orador.) - Agradeço a V.Exa. a especial deferência ao nosso pleito.

Desconheço - e se são, são poucos - aqueles que defendem o atual sistema político. É sabido que ele é porta de entrada, aberta e escancarada, para a corrupção no País. As regras de financiamento eleitoral têm movimentado engrenagens que, volta e meia, a cada instante, eclodem em escândalos nacionais, como vários que temos visto ao longo do tempo.

Da mesma forma, esse sistema é marcado por uma profunda relação de hipocrisia, na medida em que as pessoas votam em candidatos, os votos migram para a legenda e, muitas vezes, alguém que não seria eleito, acaba sendo eleito sem que aquele que o elegeu saiba que, efetivamente, o efeito do seu voto seria aquele.

Também há que se ponderar e perceber que a forma como o nosso sistema eleitoral se apresenta, desagrega, dificulta a governabilidade, a discussão política e acaba fazendo com que partidos sejam verdadeiras agremiações juntando legendas e não verdadeiros partidos no sentido próprio e correto da expressão, na perspectiva da identidade programática e ideológica.

Nessa perspectiva, é de fundamental importância a reforma política. Tivesse eu a possibilidade de optar, optaria hoje pelo voto distrital misto que, pessoalmente, é o que mais me agrada.

Porém, diante do quadro apresentado, das possibilidades existentes, acho que o projeto que será votado hoje significa um avanço. Não o considero o sistema ideal, porque, repito, defendo outra forma de concepção sistêmica, mas este projeto é um avanço, porque faz verdadeira ruptura na cultura individualista da política brasileira. Ele permite o financiamento público de campanha, questão chave e fundamental na perspectiva do tratamento isonômico de candidatos e do combate à corrupção, e permite a dimensão da formação de verdadeiros partidos, o que a dimensão individualista existente na política brasileira não permite.

Hoje, quando fazemos campanhas, Sras. e Srs. Deputados, disputamos, primeiro, com os nossos colegas de partido, com aquelas pessoas que têm mais identidade do que nós. Por quê? Porque vamos ao eleitorado comum. Ora, na perspectiva do voto em lista, seremos obrigados a fazer campanha juntos com os nossos colegas de partido, com os nossos companheiros ideológicos. Isso vai fazer fluir a discussão política, e não o mundo das simpatias, que acaba conquistando votos lá e cá e trazendo verdadeiras anomalias democráticas ao nosso processo político.

Por essa razão, Sr. Presidente, mais uma vez agradecendo a V.Exa. a deferência, votarei com tranqüilidade o projeto em pauta, embora, saibam as senhoras e os senhores, eu não seja daqueles Parlamentares que têm força na estrutura e na burocracia partidária que possa até garantir meu nome numa lista. Neste momento, meu voto não vai pela minha condição pessoal, vai por aquilo que acho que é melhor para o País e para a sociedade brasileira.

Muito obrigado, Sr. Presidente.